

**Homofobia não:
violência simbólica e preconceito em uma comunidade ativista do Facebook¹**

**Homophobia no:
symbolic violence and prejudice in an activist Facebook's community**

Wellington Miguel DANTAS²
Giovanna ABREU³

Resumo

As redes sociais na internet representam um complexo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos. Um processo incitador de novas vozes que se agregam e corroboram o discurso prévio ou depreciam-no. Fenômenos que se tornaram mais relevantes com o advento dos *sites* de rede social. O objetivo da nossa pesquisa, então, é analisar as expressões preconceituosas relacionadas à orientação sexual e à identidade de gênero presentes nos comentários e *posts* da comunidade ativista Homofobia Não, do Facebook. Intentamos ainda discutir a importância dessa rede social digital como ferramenta educacional que contribui para o combate à violência simbólica e ao preconceito. Utilizamos Bourdieu e Passeron (1975) para pensar a violência simbólica. As ideias de Recuero (2009) e Ferreira (2011) ajudaram-nos a compreender a lógica das redes. As análises apontaram para um forte discurso preconceituoso contra os homoafetivos. Uma possível solução, nós cremos, está na educação.

Palavras-chave: Violência Simbólica. Preconceito. Homofobia. Facebook.

Abstract

Social networks on the internet represent a complex universe of communicative, social and discursive phenomena. An inciter process of new voices that assemble together and corroborate the previous speech or depreciate it. Phenomena that have become more important with the advent of social networking websites. The goal of our research, then, is to analyze the prejudiced expressions related to sexual orientation and gender identity exposed in the comments and posts of the activist community Homophobia No, on

¹Artigo apresentado no GT10 - Gênero e Tecnologias da Informação e Comunicação como Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

² Especialista pelo Programa de Pós-Graduação do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM/CE/UFPB).

³ Mestre e Professora da UFPB Virtual. Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas (Gmid/PPGC/UFPB). E-mail: abreu.giovanna@gmail.com

Facebook. We also intend to discuss the importance of this digital social network as an educational tool that contributes to combating symbolic violence and prejudice. We used Bourdieu and Passeron (1975) to think about symbolic violence. Recuero (2009) and Ferreira's (2011) ideas helped us understanding the logic of networks. The analysis indicated a strong hate speech against homosexual. One possible solution, we believe, lies in education.

Key-words: Symbolic Violence. Prejudice. Homophobia. Facebook.

Introdução

As redes sociais digitais podem ser compreendidas a partir de o cruzamento entre o ser humano e a tecnologia: um determinado grupo social que estabelece conexões entre os seus membros, utilizando o ciberespaço⁴ como plataforma.

Em meados da década de 1990, mudanças significativas ocorreram no campo da comunicação. Com o desenvolvimento tecnológico e o advento da internet, as redes sociais adquiriram uma nova roupagem (RECUERO, 2009). O digital foi o agente deflagrador de um processo de interação mais rápido, eficiente e dinâmico entre os indivíduos. Embora as redes sociais existam fora do ambiente eletrônico, os recursos tecnológicos evidenciam e potencializam as relações entre os atores. Por meio de extensões indefinidas de tempo e espaço, os processos comunicacionais estão sendo afetados e reajustados, provocando uma mudança profunda nos sistemas sociais previamente instituídos (FERREIRA, 2011).

Trata-se, então, de uma estrutura composta por sujeitos que, através de a internet, estreitam laços familiares, de amizade, profissionais, políticos, partilhando valores e objetivos comuns. As redes sociais digitais são, principalmente, ambientes de interação e diálogo que geram novas formas de circulação, filtragem e difusão de informações.

A internet, principalmente através de *sites* como o Facebook, o Instagram e o Twitter, delegou aos usuários o direito de assumir a criação e a organização de conteúdos. O sujeito “comum” ganhou voz. No mundo conectado da web, os discursos não precisam de intermediários, alcançando relevância rapidamente. Algumas pessoas,

⁴O ciberespaço é definido como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92).

valendo-se da condição de anonimato e dos *fakes*⁵, tão comuns nesses ambientes, expressam opiniões e sentimentos preconceituosos. Não é raro encontrar *posts* que se refiram pejorativamente à cor, etnia, à identidade de gênero e à orientação sexual de terceiros.

O objetivo geral desse estudo, portanto, é analisar as expressões preconceituosas relacionadas à orientação sexual e à identidade de gênero presentes nos comentários e *posts* da comunidade ativista Homofobia Não, do Facebook. Intentamos ainda apontar e discutir a importância dessa rede social digital como ferramenta educacional que pode ampliar as discussões escolares, contribuindo para o combate à violência simbólica e ao preconceito.

Para compreender melhor como esses domínios estão interligados, utilizamos o conceito de violência simbólica elaborado pelos sociólogos franceses Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1975), segundo o qual a violência simbólica manifesta-se através de um poder que não se nomeia que dissimula as relações de força, assumindo-se como conivente e autoritário. Nesse sentido, a classe que domina é aquela que econômica ou politicamente impõe sua cultura aos dominados. Para os autores, a ação pedagógica é também uma forma de violência simbólica, pois reproduz a cultura dominante, suas significações e convenções, impondo um modelo de socialização que favorece a reprodução da estrutura das relações de poder (BOURDIER, PASSERON, 1975).

A consolidação da violência simbólica permite que a escola não exerça necessariamente a violência física, mas a violência mediante forças simbólicas, ou seja, a doutrinação e dominação forçam as pessoas a pensar e a agir de forma que não percebam que estão legitimando a ordem vigente. As vítimas não se reconhecem como vítimas, já que ambas falham em identificar a violência. Há uma naturalização dos sentidos gerada pela dominação, criada e legitimada através do discurso (BOURDIEU, 1991). Assim, o preconceito pode ser definido como “uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação, regulando as relações de uma pessoa com a sociedade” (SANT’ANA, 2005 p. 62).

⁵ *Fakes* - termo é de origem inglesa que significa falso ou falsificação. Pode ser uma pessoa, um objeto ou qualquer ato que não seja autêntico. Com as redes sociais o termo passou a ser utilizado para designar um perfil de alguém que pretende ocultar a verdadeira identidade. Disponível em: <http://www.significados.com.br/fake/>. Acesso em: 06 de Out. de 2015.

O ideal seria que as escolas assumissem o papel de agentes de mudança, proporcionando ao aluno o discernimento necessário para lidar com o conteúdo que recebe diariamente dos meios de comunicação. Os jovens teriam, assim, a possibilidade de tornarem-se agentes críticos diante das informações, e não simples emissores passivos. Ao aderir às redes sociais digitais, usando-as como canais na aprendizagem, a escola criará espaço e oportunidade para a formação ética e crítica do alunado. Talvez, esteja aí a chance que a escola precisa para, de fato, cumprir sua função de formadora de cidadãos preparados para transcender o determinismo social e cultural do processo de violência simbólica, construindo uma sociedade cada vez mais livre e igualitária.

Para uma ampla compreensão dos fenômenos relacionados à internet e suas peculiaridades, Frago, Recuero e Amaral (2011) apontam a importância da pesquisa empírica como perspectiva metodológica para problemáticas relativas ao campo da comunicação. Quanto à forma de abordagem ao problema, a pesquisa classifica-se como qualitativa, descritiva, de caráter exploratório e explicativo.

Nosso campo de estudo foi a comunidade ativista Homofobia Não, do Facebook. Levamos em consideração diversos fatores ao escolher, especificamente, essa comunidade, como o ano de fundação, a quantidade de pessoas que curtem a página e a relevância das postagens. É importante ressaltar que não fizemos nenhum tipo de interferência ou comentário nos *posts* publicados, apenas coletamos e analisamos as postagens que mais se enquadravam na temática da nossa pesquisa, valendo-nos da observação não participante.

Online desde 2009, a comunidade ativista publica casos polêmicos de violência contra os homoafetivos para incentivar a tolerância, tentando desestimular os discursos preconceituosos que são legitimados e reproduzidos na rede. No entanto, os resultados das análises apontam para um forte discurso de exclusão e preconceito contra os homoafetivos.

Estamos certos de que não basta às pessoas obterem informação sobre o respeito à diversidade sexual e sobre como acabar com a homofobia, a lesbofobia ou transfobia para que, imediatamente, modifiquem seus pré-conceitos. Todavia, comunidades ativistas como a Homofobia Não contribuem para a desconstrução de imagens estereotipadas, para a promoção da convivência pacífica e do respeito às diferenças.

Acreditamos também que as instituições de ensino ocupam um lugar de destaque no combate à violência. Percebemos o professor como um facilitador que deve estimular o debate, o resgate da autoestima, da autonomia e o uso responsável das redes sociais digitais.

O Facebook e a comunidade “HOMOFOBIA NÃO”

Criada por Mark Zuckerberg, Andrew McCollun, Chris Hughes e Dustin Moskovitz em 28 de outubro de 2003, a maior rede social digital do mundo, o Facebook, foi inicialmente chamada de Facemash.

Pensado de forma despreziosa para que os estudantes de Harvard pudessem eleger as garotas mais atraentes da universidade, o *site* alcançou números prodigiosos desde o início: nas primeiras quatro horas *online*, a rede contou com 450 visitantes e uma média de 20 mil visualizações (CORREIA E MOREIRA, 2014). Algum tempo depois, enredada em problemas éticos, de invasão de privacidade e segurança, o Facemash foi desativado. Todavia, esse foi apenas o início da história do *site* que mudou os rumos da web.

Em março de 2004, o Facebook expandiu-se para Stanford, Columbia, Yale e não parou mais de crescer. Um estudo desenvolvido pela Reuters Institute⁶ e divulgado pela ComScore afirma que desde que chegou ao Brasil, o Facebook tem alcançado marcas portentosas. Estima-se que do tempo usado para navegar nos *sites* de redes sociais, os brasileiros gastam 97,8 % lendo, compartilhando, curtindo e publicando no Facebook. O mesmo estudo ainda aponta que o Brasil ocupa o primeiro lugar na lista dos usuários que mais utilizam o Facebook para se informar. Em média, 67% das pessoas cadastradas utilizam a rede como fonte de notícias.

A interação no Facebook ocorre através de postagens em forma de textos, imagens e vídeos publicadas na própria página do usuário, no perfil de amigos, empresas, marcas, celebridades ou em espaços privados conhecidos como grupos. De acordo com Correia e Moreira (2014) as comunidades e os grupos do Facebook são

⁶Disponível em:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Reuters%20Institute%20Digital%20News%20Report%202014.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.

espaços utilizados para a discussão de temas tão diversos quanto educação, política e entretenimento, até assuntos que incitam o debate e provocam a reflexão como a diversidade de gênero.

Frequentemente, as comunidades ativistas e os grupos do Facebook tornam-se verdadeiras arenas de disputas de narrativas. O acirramento entre os integrantes dos grupos progressistas e conservadores transforma esse espaço em um terreno hostil, repleto de boatos, de comentários maldosos e *posts* preconceituosos. Mulheres, negros e homossexuais, além de outras tantas 'minorias' são submetidos à situações de desqualificação, são vítimas de intolerância e, frequentemente, passam por forte sofrimento existencial.

A literatura e a mídia têm, constantemente, reiterado o evidente: apesar de as recentes conquistas legais e a maior visibilidade que os temas relacionados às diversidades sexuais vem conquistando, a discriminação e o preconceito ainda estão bastante presentes nas relações humanas contemporâneas (GEANTOMASSE, BERVIQUE, 2010). Nesse contexto, o cenário brasileiro tem se destacado. Os altos índices de violência contra os homoafetivos reforçam estereótipos e estigmas⁷. Escolas e instituições públicas e privadas também reproduzem o preconceito, classificando, por exemplo, as atividades mais banais como específicas de um único universo: masculino ou feminino. Homens que não jogam futebol ou mulheres que são exímias jogadoras podem ser rotulado(a)s, tornando-se vítimas dessa visão machista e preconceituosa socialmente instituída.

A homofobia praticada *online*, assemelha-se muito àquela observada nos ambientes *off line*. A internet, todavia, funciona como um amplificador das opiniões que antes eram marginais. Os grupos do Facebook estão repletos de frases ou termos pejorativos do tipo: “Ah! aquilo é uma “bichona/um boiola”, como é pontuado no estudo de Biondo (2015).

Analisando, especificamente, a comunidade ativista Homofobia Não, criada em 2009, encontramos diversas notícias, *posts*, vídeos e comentários sobre o mundo das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT).

⁷ Seguindo as ideias de Erving Goffman (1975), entendemos “estigma” como o atributo social negativo que se incorpora ao identitário de pessoas e grupos, por vários motivos, inclusive o sexual. Outros determinantes podem agravar a discriminação sexual como a cor da pele, o grau de instrução e a posição social.

Figura 1: Logomarca da Comunidade Homofobia Não, do Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/hnao1/?fref=ts> Acesso em 15/04/2015

A comunidade, que já soma com mais de 81.700 curtidas, é atualizada diariamente. Com relação ao conteúdo abordado, embora muitos integrantes da página esforcem-se para dirimir o preconceito, diversos comentários, curtidas e compartilhamentos reforçam a homofobia. O Facebook torna-se uma ferramenta de violência simbólica: a linguagem, as imposições discursivas, o poder simbólico é exercido pelos sujeitos que interagem e propagam as mensagens, desacreditando e ridicularizando os *posts* engajados da comunidade Homofobia Não. “O poder simbólico se estabelece quando alguém, um grupo ou instituição consegue ditar seu ponto de vista sobre o outro. Assim, ele consegue se impor e ser mais aceito do que o outro” (DANTAS e PEREIRA NETO, 2015, p. 27).

Essas situações, apesar de constantes, precisam ser dirimidas. Os indivíduos precisam ser partes integrantes de um modelo social que institua a dignidade e o respeito como direitos de todos.

Sexualidade, homossexualidade, homoafetividade e homofobia

Para que as propostas defendidas nesta pesquisa fiquem mais claras, faz-se necessário, antes de tudo, compreender as diferenças conceituais entre sexualidade,

homossexualidade, homoafetividade e homofobia. Os termos são semelhantes graficamente e, às vezes, podem suscitar uma errônea visão de equivalência.

O termo sexualidade baseia-se na relatividade, pessoalidade e, na maioria dos casos, chega a ser considerado como paradoxal (SILVA; GUILHON FILHO e NUNES, 2009). Em linhas gerais, a sexualidade corresponde a uma característica íntima do ser humano, manifestando-se de forma distinta em cada sujeito, a partir da realidade e das experiências cotidianas.

Ao longo de seus estudos, Jeffrey Weeks (1993,p. 6) afirma inúmeras vezes que "a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo". Compartilhando da posição de muitos outros estudiosos e estudiosas, ele fala da impossibilidade de se "compreender a sexualidade observando apenas seus componentes 'naturais'(...), esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais"(WEEKS *apoud* LOURO, 2003 p. 26).

A homossexualidade, por sua vez, faz referência a uma forma de orientação sexual, ou seja, diz respeito ao tipo de afinidade, atração ou prática sexual entre indivíduos do mesmo sexo. Apresentada como “forma de exercício da sexualidade”, a homossexualidade está ligada à cultura e à época em que as pessoas vivem (LOURO, 2003, p136). Quanto ao termo homoafetividade, a ideia central é quebrar o paradigma de que a homossexualidade está restrita apenas ao ato sexual. Isso quer dizer que uma relação homoafetiva não está baseada apenas no sexo, mas no afeto, no sentimento. (SILVA; GUILHON FILHO e NUNES, 2009). O termo, portanto, encerra a ideia de relacionamento. Outro conceito que merece destaque é o de homofobia que trata da repulsa, preconceito ou, até mesmo, ódio contra aqueles que mantêm uma relação com indivíduos do mesmo sexo.

O termo “homofobia” é um neologismo cunhado pelo psicólogo clínico George Weinberg (1972), que agrupou dois radicais gregos – que significam “semelhante” e “medo” – para definir sentimentos negativos em relação a homossexuais e às homossexualidades. Embora venha sendo paulatinamente ressignificado, o termo possui ainda fortes traços do discurso clínico e medicalizante que lhe deu origem (...) Com esse sentido, o termo costuma ser empregado quase que exclusivamente em referência a conjuntos de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou

medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas (JUNQUEIRA, 2003).

Observando os conceitos apresentados, percebemos que, de modo geral, a opinião pública tem condenado os casos de homofobia, em particular àqueles associados à violência física. A discriminação e a difamação, contudo, nem sempre são vistas e tratadas de forma crítica ou suscitam indignação e protestos. A maioria das pessoas não se incomoda, por exemplo, com os casos de violência simbólica compartilhados nos sites de redes sociais, com as piadas preconceituosas ou com os comentários maldosos e irônicos.

A solução está na educação?

O homem possui uma inegável capacidade de se relacionar e de dialogar racionalmente. A escola apresenta-se como esse lugar comum onde as relações acontecem, os diálogos ganham força e as diferentes opiniões são expostas. A escola pode ser caracterizada, então, como um proveitoso espaço de reflexão.

Lacerda Junior et al. (2015) afirmam que as reflexões realizadas nos ambientes escolares ocorrem a partir das práticas e da valorização dos sujeitos. A realização de ações que envolvam o reconhecimento da diversidade e priorizem o desenvolvimento do potencial do alunado de uma maneira ética e saudável ajuda-o a refletir, a assumir posicionamentos firmes e responsáveis diante da vida, inclusive, diante de questões relacionadas à sexualidade.

A escola, assim com a família, a comunidade, a mídia e a igreja, constituem-se como um forte agente na construção de uma parte significativa dos conceitos e preconceitos absorvidos e propagados pelos indivíduos. E parte desses conceitos e preconceitos remete justamente às identidades sexuais e de gênero. Em certo sentido, a escola pode ser considerada um nascedouro de diferenças, distinções e desigualdades.

Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por

separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres, e imediatamente separou meninos e meninas (LOURO, 2003, p.57).

Por mais contraditório que pareça, nas instituições escolares casos de preconceito e discriminação são comuns. Em um estudo realizado por Palma, et al. (2015) percebeu-se que além dos problemas anteriormente mencionados, os indivíduos podem desenvolver atos violentos, simplesmente por não saberem lidar com o diferente. Os moldes sociais são constituídos por uma série de padrões comportamentais que são capazes de aprisionar o ser humano, ocasionando distorções e formas graves de violência como a homofobia.

Apesar de os inúmeros programas de educação escolar, percebemos que as diretrizes e instrumentos para enfrentar os desafios impostos pela sociedade no campo da diversidade sexual ainda são incipientes (LACERDA JUNIOR ET AL., 2015). Corriqueiramente, ouvimos algum caso de despreparo profissional ao lidar com situações agressivas ou violentas contra um LGBT no ambiente escolar. É necessário, portanto, que nos perguntemos como esses comportamentos que separam e diferenciam foram produzidos, e, mais do que isso, como podemos modificá-los.

Não seria utópico pensar que a prevenção e o enfrentamento do preconceito está diretamente ligado às ações educativas. Os espaços de reflexão e discussão precisam ser ampliados. A segregação e os padrões impostos pela sociedade devem dar lugar à reflexão, ao posicionamento crítico, responsável e respeitador. Esse alargamento das fronteiras passa, hoje, invariavelmente, pela adesão às tecnologias digitais. Os ambientes de ensino e fomento da educação não podem estar restritos às práticas analógicas, mas precisam lançar mão de ferramentas e plataformas como aplicativos, *games*, *blogs* e *sites* de redes sociais.

As redes sociais digitais, ainda encaradas como perda de tempo, como espaços de ócio, têm um enorme potencial que pode ser revertido em favor da educação. Elas podem ser utilizadas nas salas de aula para uma melhor integração entre o professor e o aluno para além do ambiente escolar, inclusive. Os temas polêmicos ou aqueles que fazem parte da vida cotidiana também podem entrar em pauta de uma forma mais leve e natural. “Assim, o ensino ultrapassa os muros da escola e a sala de aula deixa de ser o

único espaço disponível para o processo ensino-aprendizagem na formação escolar” (COSTA e FERREIRA 2012, p.143).

Um dos *sites* de redes sociais que pode ser bastante explorado é o Facebook, não apenas por sua crescente popularização e seu grau de penetração entre os jovens, mas por causa da enorme quantidade de ferramentas que podem ser utilizadas no processo educacional. São *chats*, fóruns, eventos, páginas e comunidades.

Quadro 1: Ferramentas do Facebook que podem ser utilizadas como apoio ao ensino

Ferramentas	Como usar?
Chat	Tirar dúvidas em tempo real. Professor e Professor, Aluno e Professor, Secretaria e Aluno, Comunidade juntamente com alunos, professores e secretária
Fotos e Vídeos	Divulgar os trabalhos e atividades realizadas. Por exemplo, um vídeo de uma palestra ocorrida no campus, ou fotos de um estudo de campo. É importante buscar a melhor qualidade da imagem a serem publicadas.
Compartilhamentos	Divulgar informações e conhecimentos relevantes para os usuários do Facebook que não participam diretamente dos grupos criados (unidades curriculares/disciplinas)
Eventos	Divulgar e receber a confirmação da participação em reuniões, viagens, palestras, entre outros.
Comentários/Mensagem	Lembrar as provas, trabalhos e resolver dúvidas individuais. Criar um ambiente de interação/debate sobre determinadas temáticas.
Enquetes	Coletar a opinião a dos alunos ou demais atores a respeito de um determinado assunto.
Conteúdo	Criação de novas páginas dentro de um grupo. Podem ser colocados assuntos diversos que ficam armazenados por tempo indefinido. Exemplos: Notas de exames, resumos de aula, planos de ensino.
Marcação de imagens, vídeos e comentários	Sempre que possível marcar todos os envolvidos no conteúdo exposto para explicitar e estimular participante.
Debates	Quando o professor divulgar algum material é possível divulgar também um espaço para debate do assunto, orientando os alunos a deixar apenas um comentário, e depois debater sobre o assunto com seus colegas e professores para uma melhor fixação do conteúdo.

Fonte: Adaptado de JULIANI et al. , 2012 p. 11.

As possibilidades de uso do Facebook fora da sala de aula são inúmeras. O docente pode propor atividades em grupo, publicar apostilas, criar enquetes e espaços de diálogos sobre temas transversais como homofobia ou identidade de gênero. É possível ainda divulgar palestras, oficinas e eventos, envolvendo na ação não apenas o corpo pedagógico da escola e os alunos, mas a família e a comunidade.

Parece-nos, então, irrefutável a ideia de que a escola precisa ser esse lugar engajado que percebe e abraça a necessidade sempre urgente de dizimar as atitudes que acontecem cotidianamente dentro e fora de seus muros contra sujeitos ou grupos que sofrem com estigmas. Nesse sentido, os *sites* de redes sociais podem ser a ferramenta ideal. Afinal, os estudantes, de um modo geral, já estão na rede e identificam-se com

ela. Quando a escola adere às redes, cria-se espaço e oportunidade para um uso crítico, fortalecendo a formação ética, tolerante e responsável do alunado.

Resultados e discussões

A popularização do Facebook, no Brasil trouxe novas perspectivas para os processos de comunicação e para os discursos. Consequentemente, novas e antigas práticas sociais surgiram, misturaram-se e popularizaram-se nas redes.

Buscamos, então, explorar uma dessas práticas: o uso do Facebook como ferramenta de violência simbólica e de incitação ao preconceito. Visando fazer um recorte da situação, escolhemos o conteúdo publicado na comunidade ativista do Facebook Homofobia Não. Fizemos uma análise dos principais *post* e seus comentários, destacando para essa discussão os dois principais.

A primeira postagem analisada, veiculada em Janeiro de 2014, provocou uma enxurrada de questionamentos e comentários contrários. Despertando a fúria de um membro da comunidade cuja réplica somou 222 curtidas e 51 compartilhamentos. O texto, que provocou tanta revolta, está entre os mais inusitados e polêmicos porque foi publicado por um profissional da área de educação que assume uma postura fortemente homofóbica. Através de um discurso bastante sexista, o professor afirma que os heterossexuais já são minoria e que estão sendo constrangidos pelos homossexuais. Utilizando termos pejorativos para expressar seu repúdio e ódio contra os homoafetivos, o professor deixou evidente seu imenso despreparo para lidar com as questões relacionadas à gênero e à orientação sexual.

Figura 2: Postagem homofóbica de um Docente



Fonte: Comunidade Homofobia Não do Facebook.

Percebemos que nem os ambientes educacionais e seus profissionais, que deveriam ser agentes promotores da liberdade e do potencial de cada indivíduo, estão livres do preconceito. O ideal seria que os educadores compreendessem que os seus papéis não se encerram no ambiente escolar, mas vão além, transformando positivamente a realidade.

As ferramentas comunicacionais e plataformas *online* têm aberto novas vias de interação. Pessoas comuns, que não fazem parte da mídia tradicional, agora têm autonomia para propagar suas ideias, para influenciar e serem influenciadas. Em um mesmo ambiente, as pessoas podem defender uma causa social, lutar por direitos políticos e por ideais transgressores ou empenhar-se para pro pagar discursos preconceituosos que reforçam os estigmas sociais.

O segundo *post* analisado conta a história de dois jovens heterossexuais que foram confundidos com um casal homossexual e espancados por um grupo homofóbico na orla do Rio de Janeiro. O intuito da publicação é propagar a ideia de tolerância, de respeito à diversidade. É importante dizer, também, que optamos por preservar a identidade e a imagem as vítimas, por isso o uso das tarjas e a ausência de nomes.

Figura 3: Postagem de um jovem que sofreu atos violentos por homofóbicos



Fonte: Comunidade Homofobia Não do Facebook

Muitos comentários demonstram tristeza e indignação. O orgulho homossexual aparece forte nas mensagens de apoio à dupla espancada. O lado subversivo e inconformado, não pertencente às ideias socialmente impostas como corretas fica muito claro nos discursos publicados. Diversos atores sociais expõem-se, influenciam e são influenciados, criando uma ampla rede de conversação.

Talvez essa seja a melhor solução. Para problematizar as ideias que levam à discriminação, é preciso colocar a diversidade em discussão, não importando o ambiente. Seja em uma comunidade de um *site* de redes sociais, em uma roda de amigos, em casa ou na escola, o importante é criar um ambiente em que a homossexualidade seja tratada com naturalidade e as pessoas sintam-se confortáveis para se posicionar. O debate não pode ser descartado por medo da discriminação e o preconceito não pode ser materializado em violência, de nenhum tipo, nem simbólica, nem física.

Considerações finais

É certo que a sexualidade humana figura entre os temas mais inquietantes e, quase sempre, mais evitados em ações e diálogos tanto no ambiente escolar quanto

familiar. Entretanto, principalmente pela ação da mídia, e da internet em especial, cada vez mais, as instituições sociais têm sido convocadas a enfrentar as transformações pelas quais as expressões sexuais contemporâneas têm passado.

As redes sociais digitais são, hoje, uma arena importante para o desenrolar do debate público. Os jovens estão cada dia mais conectados e fluentes na linguagem digital. Todavia, é imprescindível que haja uma mediação que imprima um caráter mais ético e cidadão à essa experiência. A diversidade de gênero, por exemplo, ainda é trabalhada de forma ineficiente e com meios apenas analógicos em muitas escolas.

Além de intervir em situações de conflito entre os estudantes, os docentes precisam desconstruir seus próprios pré-conceitos, deixando de lado o discurso homofóbico. A publicação do professor na comunidade Homofobia Não foi apenas um dos incontáveis exemplos de intolerância. A verdade é que embora a escola seja considerada por muitos como o reflexo do que acontece na sociedade, é justamente esse ambiente que pode trazer as maiores mudanças. O(a) professor(a), como formador(a) de opinião, precisa estar preparado para estimular o debate em sala de aula, apresentado a diversidade e combatendo, verdadeiramente, a discriminação.

Essa preparação docente passa invariavelmente pela educação digital. Professore(a)s conectados, administrando e mediando as redes que se formam, transformam e motivam o alunado para o aprendizado. O uso consciente das redes precisa, então, ser ensinado. O desenvolvimento de atividades pedagógicas em parceria com a família e a comunidade, de forma integrada, a realização de palestras, debates e círculos de discussões sobre *posts* polêmicos publicados em sites de redes sociais como o Facebook também são alternativas interessantes para a conscientização.

Assim, o intuito dessa pesquisa é mostrar que o problema do preconceito e da discriminação é crescente. A violência não é apenas física, mas simbólica, e deixa marcas profundas que podem permanecer durante toda uma vida. A solução, nós cremos, está na educação. Há um papel transformador e esclarecedor que apenas a educação é capaz de cumprir.

Referências

BIONDO, Fabiana Poças. “Liberte-se dos rótulos”: questões de gênero e sexualidade em práticas de letramento em comunidades ativistas do Facebook. **In:** Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 209-236, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Language and symbolic power**. Massachusetts, H.U. P., 1991.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA. Novas formas de comunicação: história do facebook- uma história necessariamente breve. **In:** Revista Alceu, v. 14, n. 28, p. 168-187, 2014.

COSTA, A. M. S. N.; FERREIRA, A. L. A. Novas possibilidades metodológicas para o ensino-aprendizagem pelas redes sociais twitter e facebook. **REnCiMa**, p. 136-147, 2012. Disponível em:

<http://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/rencima/article/viewFile/494/413>. Acesso em: 23 agos.2015.

DANTAS, M. L. G.; PEREIRA NETO, A. F. O discurso homofóbico nas redes sociais da internet: uma análise no facebook “Rio sem Homofobia- Grupo público”. **Cardenos do tempo presente**, n. 19, p.27-41. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/3896/3555>. Acesso em: 29 set.2015.

FERREIRA, G. C. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. **In:** Revista Perspectivas em ciências da informação, v. 16, n. 3, p. 208-231, 2011.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GEANTOMASSE, F. M.; BEVIQUE, J. A. Homoafetivos X Homofóbicos: a guerra continua. **In:** Revista eletrônica de psicologia, nº 14, 2010. Disponível em: <http://www.revista.inf.br/psicologia/pages/artigos/ART05-ANOVIII-EDIC14-MAIO2010.pdf>. Acesso em: 26 set. 2015.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

JULIANI, D. P.; JULIANI, J. P.; SOUZA, J. A.; BETTIO, R. W. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. **In:** Revista Novas Tecnologias na Educação. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/36434/23529>. Acesso em: 20 out. 2015.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Rev Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e sexualidades** v. 1, n. 01

Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256/1689>. Acesso em: 23 out. de 2015.

LACERDA JUNIOR, J. C.; HATTA, M. S.; CORRÊA, S. E. S.; MASCARENHAS, S. A. N. Do contexto multicultural para uma escola que discute: educação sexual. **In:** Revista Sophia. Ecuador: UPS, 2015.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NEWMAN, N.; LEVY, D. (eds.) **Reuters Institute Digital News Report 2014: tracking the future of news**. Oxford, Reuters Institute for the Studies of Journalism, 2014. Disponível em:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Reuters%20Institute%20Digital%20News%20Report%202014.pdf>. Acesso em: 10 set. de 2015.

PALMA, Y. A.; PIASON, A. S.; MANSO, A. G.; STREY, M. N. Parâmetros Curriculares Nacionais: Um Estudo sobre Orientação Sexual, Gênero e Escola no Brasil. **In:** Revista Temas em Psicologia, 2015, Vol. 23, nº 3, p.727-738.

RECUERO, R. **Redes Sociais na internet**, Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANT'ANA, A. O. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados** p.39-67. In: Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p.204. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em 06 nov. 2015.

SILVA, A. F.; GUILHON FILHO, B. S.; NUNES, M. T. T. **Unidos pela liberdade separados pelo preconceito: campanha de combate a homofobia!**. Maranhão: Voz Comunicação, 2009.